

MENINICES II

Érica de Cássia Maia Ferreira Rodrigues¹

Lendo “Caso de Amor” de Manoel de Barros, rememorei também uma estrada que põe sentido em mim. Ela era escura e fria até o sol se abrir e iluminar o caminho por entre os galhos das árvores sempre tão imponentes.

Começava o dia e saíamos pisando folhas secas pelo caminho, arenoso caminho. Bichos ruidosos causavam medo se pelo caminho fosse sozinha. E ser sozinha não fazia parte da natureza de menina que, sempre acompanhada de irmãos e irmãos-primos, seguia pela “estrada que põe sentido em mim”. O dia amanhecia antes do cantar do galo, e logo eu e meus irmãos éramos chamados a levantar, quebrar o jejum (tomar café) que sempre foi regado de delícias feitas no fogão à lenha e pelas mãos mágicas de minha mãe. Cada um pegava um utensílio para então seguir pela estrada dos sentidos. Um quibano, bacias e baldes, tecido volta ao mundo, pás de madeira, peneiras.

Eram assim os nossos dias de julho e janeiro, fazendo farinha e celebrando as singularidades da vida no campo. Nem sabíamos que os encantos da mata verde, do rio de água fria, dos bichos que passam por entre nós na estrada dos sentidos, eram privilégios. Nos misturávamos a eles numa trama de fuga e medo. Os mais velhos teciam monstros para amedrontar os mais novos. Olha a onça! O macaco! A preguiça no alto da árvore! Os pássaros e seus assovios colocavam medo porque mais pareciam assombros que cantos.

E assim percorríamos todo o caminho saltando moitas orvalhadas, brincando de pega-pega, do esconde-esconde, e chegávamos à casa de farinha coberta de palhas que secavam envelhecidas pelo tempo e exigiam a recoberta a cada ano. Por isso, os homens iam primeiro cortar palha, cortar lenha, arrancar a mandioca e colocar no pubeiro. Depois íamos nós, mulheres e meninos, pela estrada dos sentidos.

Ao longe ouvíamos o estalido do fogo queimando a lenha que aquecia a fonalha de cobre para torrar a farinha no forno de barro vermelho. Tinha a casa de palha, o forno de barro, e tinha os cochos de madeira que de tão rudimentares eram esculpidos à mão, assim como os

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (Profletras), ofertado pela Universidade Federal do Tocantins. Nos últimos 4 anos, foi Secretária de Educação da Prefeitura Municipal de Araguaína (TO) e atualmente trabalha com formação continuada de professores. Pesquisa na confluência entre semiótica e ensino. E-mail: ericadecassia_maia@hotmail.com

pilões. Duas engenhocas chamavam a atenção pelo ritmo ou perigo que imprimiam a nós crianças. Eram os objetos proibidos, por isso encantados, talvez. A bolandeira que ralava a mandioca num ritmo acelerado e a prensa que dava à massa textura e produzia uma goma, a tapioca.

Mas entre uma farinha e outra havia lugar para travessuras. Pulávamos na água depois de sair da beira do fogo. Descíamos córrego abaixo querendo encontrar a jiboia que trocou o casco e o deixou entre as folhagens no rio. Pescávamos camarões de água de doce e muçuns. Saltávamos da tábua da ponte e dos galhos das árvores. Depois, voltávamos para descascar mandioca e colocar no pubeiro, ofícios permitidos aos maiores. Aos menores, cabia apenas cumprir mandados, jogar o soro fora, catar as cascas da mandioca amontoadas no meio da casa. E isso não tinha graça.

E assim passávamos uma semana indo e vindo pela estrada dos sentidos repetindo travessuras, distraídos de encantamento.

*Recebido em 15.11.2016
Aprovado em 04.02.2017*